

AS DUAS MORTES DE MARIELLE FRANCO

TECNO-GEOGRAFIA DE UM ASSASSINATO FÍSICO-DIGITAL

Este trabalho nasce da necessidade de criar novos mapas para navegar as complexas tecno-geografias do mundo contemporâneo. Aterrissando na realidade atual brasileira, a pesquisa tem como ponto de partida a hipótese do crime político e racial de Marielle Franco como um acontecimento duplo no espaço físico e digital: o assassinato do corpo da mulher no espaço urbano de Rio de Janeiro e o ataque à figura pública da vereadora através da circulação, poucas horas depois de sua morte física, de boatos e fotos falsas nas redes sociais.

As informações foram coletadas dos portais online dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, G1, BBC Brasil, El País e de instituições de pesquisa: FGV e Monitor Público da USP. O recorte temporal feito pela estudo analisa o percurso midiático forçado à imagem



Marielle Franco é mulher, negra, mãe e criada na favela da Maré. É socióloga formada pela PUC-Rio e mestre em Administração Pública pela UFF. Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré. Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, ao lado de Marcelo Freixo. Iniciou sua militância em direitos humanos após perder uma amiga, vítima de bala perdida. Aos 19 anos se tornou mãe de uma menina, o que a ajudou a se constituir como lutadora pelos direitos das mulheres e debater esse tema nas favelas.

Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL, com 46.502 votos, a quinta mais votada.

Marielle Franco assumiu no dia 28 de fevereiro de 2018 a relatoria da comissão da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, para acompanhar a ação das forças militares durante a intervenção federal no estado, o autorizada no dia 16 do mesmo mês pelo então presidente da república, Michel Temer.

Marielle já havia exposto nas redes sociais críticas a determinadas ações policiais em algumas comunidades e o seu partido (PSOL) era contrário a intervenção.

A comissão contava ainda com outros 17 parlamentares.

Google Trends “Marielle Franco”

pública da vereadora até as eleições presidenciais de Brasil ao final de novembro. O objetivo tem sido desenhar graficamente e apresentar em um mesmo plano as múltiplas camadas, elementos e eventos envolvidas no assassinato físico-digital: corpos, munção, robôs, câmeras de vigilância, grupos de whatsapp, fotos falsas, armas letais, percursos urbanos, contas de twitter, telas de celular, carros, placas clonadas, centros de dados “chamada” nuvem, comunicações criptografadas...

PI Pablo DeSoto
Equipe: Alice Piva, Lucas Rolim
Colaboradores: Diego Aristófanes, Eduardo Augusto

Segundo relatório elaborado pelo “Monitor do Debate Político no Meio Digital”, a divulgação de fake news acerca da vida pessoal e parlamentar de Marielle Franco começou poucas horas após sua morte. Os boatos teriam sido espalhados principalmente pela rede WhatsApp e correlacionaram a figura da vereadora com o crime organizado e o uso de drogas.

A mensagem mais reproduzida, segundo o relatório, foi a que elencava algumas notícias relacionadas a Marielle (todas falsas) dentre as quais a que ela teria engravidado ao 16 anos, sido eleita pelo Comando Vermelho, sido casada com “Marcinho VP”, entre outras. A segunda mensagem mais compartilhada apresenta supostamente

Marielle no colo do referido Marcinho VP, no entanto a imagem não é nem de Marielle nem de Marcinho.

O modo de difusão das mensagens no WhatsApp tem um comportamento mais lento, e atingiu seu ápice no dia 17, concentrando-se principalmente em grupos de família. Depois as notícias ganharam força em redes sociais abertas como Facebook e Twitter, endossadas em falas de figuras públicas como o Deputado Alberto Fraga e a Desembargadora Marília Castro.

A repercussão em mídias de ampla divulgação favoreceram a desinformação, já que as manchetes não traziam a informação que os boatos eram falsos.

Um levantamento produzido pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas nos tuitos publicados sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco mostrou que o debate foi influenciado pela presença de 1.833 robôs.

A pesquisa foi feita entre os tuitos publicados das 21h de quarta-feira do dia 14 de março de 2018 até as 10h30min do dia 16 de março de 2018.

Esses robôs representaram até 5% do total da discussão, que chegou a 1,172 milhão de tuitos com 336.475 usuários únicos.

A proporção do uso de robôs foi semelhante tanto entre os tuitos que lamentavam o crime quanto naqueles alinhados às críticas aos defensores de direitos humanos.

Orlando Oliveira Araújo e o vereador Marcelo Siciliano foram acusados de serem mandantes do crime

MP-RJ denuncia Orlando da Curicica por morte de colaborador de Marcello Siciliano, ambos implicados na morte de Marielle. A execução seria de Ruy Bastos, Rondinele de Jesus e Thiago Mendonça

Segundo o deputado estadual Marcelo Freixo, em declarações à Veja e Globo, investigações se voltam para os deputados do MDB/RJ Edson Albertassi, Paulo Melo e Jorge Piccini

Caminhão da Anistia Internacional circula no Rio pressionando por respostas sobre a morte de Marielle

Viúva de Marielle denuncia à ONU a demora das autoridades brasileiras a oferecer respostas ao crime.

1º turno das eleições (deputados federais e estaduais)

2º turno das eleições (presidenciais e estaduais)

Quebra da placa da Rua Marielle Franco

Na noite do dia 14 de Março de 2018, Marielle Franco foi assassinada durante o atentado ao carro onde estava. Voltava de um evento na Casa das Pretas, na Rua dos Inválidos, onde tinha mediado um debate entre Jovens Negras. Ao sair de carro do local, por volta das 21h, um carro do modelo Chevrolet Cobalt, com placa de Nova Iguaçu, passou a seguir o veículo em que se encontrava Marielle, seu motorista e sua assessora. As 21:09, na Rua Joaquim Palhares, no Bairro do Estácio, o Cobalt emparelhou com o carro de Marielle, e uma pessoa localizada no banco de trás efetuou treze disparos.

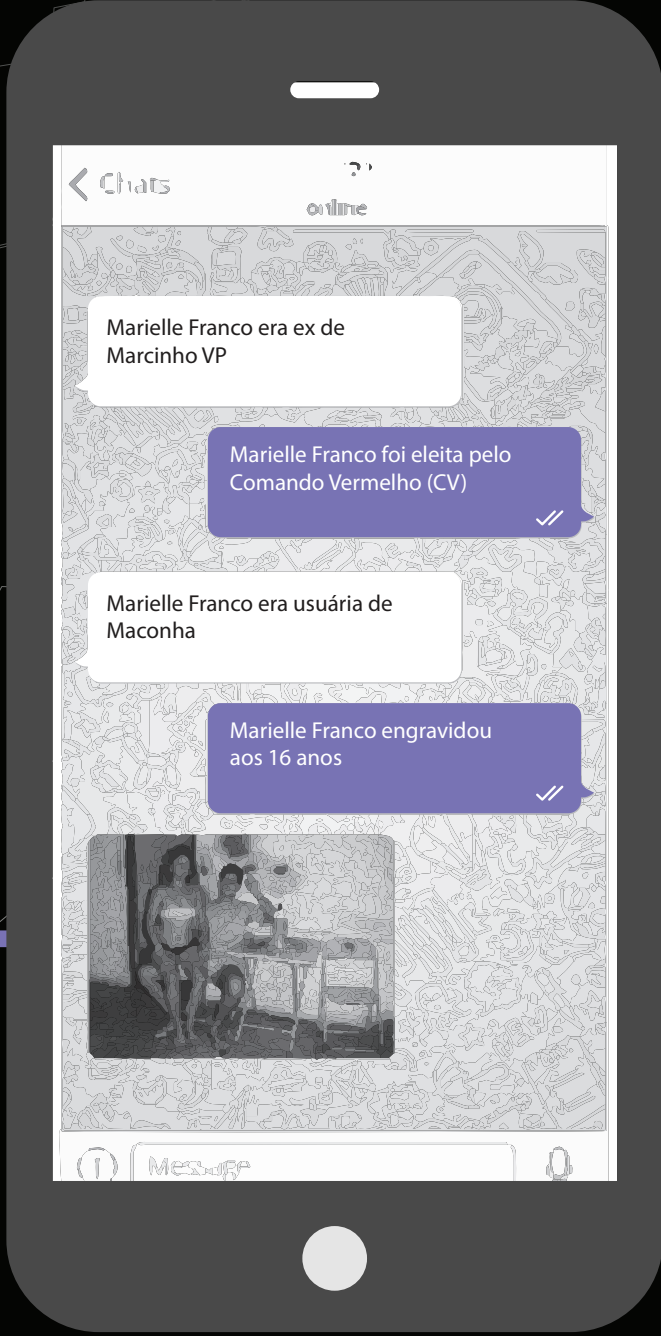
A vereadora foi atingida com quatro tiros na cabeça, enquanto o seu motorista, Anderson, recebeu pelo menos três tiros nas costas. Ambos morreram no local. A assessora de Marielle foi atingida por estilhaços e levada a um hospital e liberada.

O carro que perseguiu e de onde foram disparados os tiros contra o veículo da vereadora tinha a placa clonada. Já a arma do crime, é do tipo MP5, o mesmo modelo de 5 submetralhadoras de uso restrito que sumiram do arsenal da polícia civil em 2011. A munição utilizada nos 13 disparos é de um lote que foi vendido à Polícia Federal de Brasília em 2006. Cápsulas desse mesmo lote foram encontradas na maior chacina do estado de São Paulo, em 2015, na cidade de Osasco, onde 17 pessoas foram mortas.

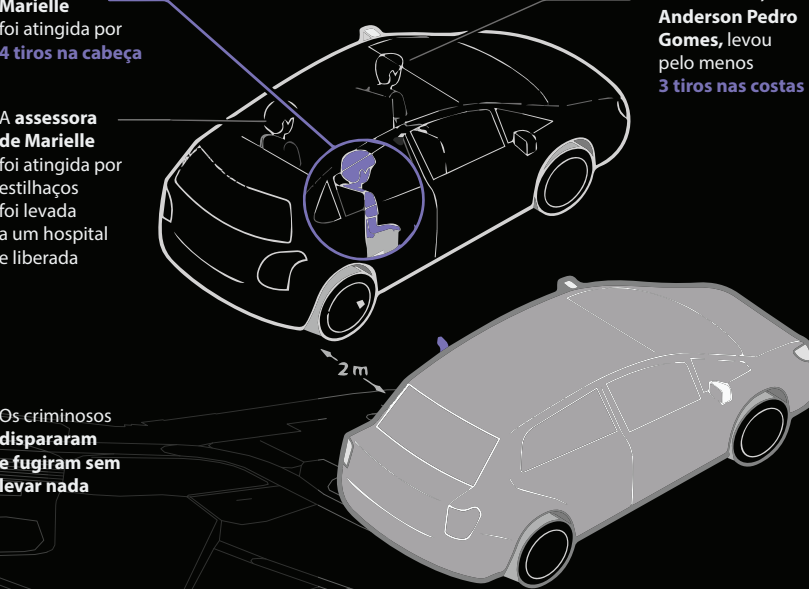
Cinco das onze câmeras de segurança da Prefeitura localizadas no trajeto da Casa das Pretas até o local de assassinato estavam desligadas no momento do crime. Apesar de não serem cruciais para o esclarecimento da identidade dos autores, as imagens poderiam ter contribuído para determinar, por exemplo, o número de suspeitos e se algum outro veículo participou da ação.

No dia 3 de maio, a imprensa divulgou que as câmeras do bairro onde ocorreu o crime haviam sido desligadas entre 24 e 48h antes do dia 14 de março, e que, ainda que seus contratos estivessem vencidos desde outubro de 2017, elas continuavam em operação até a data mencionada.

Se a visão destas câmeras de vigilância estava apagada, outras luzes, agora em forma de pixels digitais, começam a pipocar em centenas de milhares de telefones celulares ao longo do Rio de Janeiro e do Brasil.



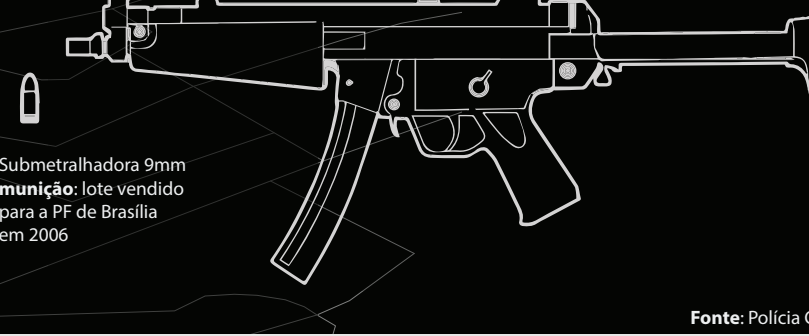
RECONSTITUIÇÃO



VISTA LATERAL DO CARRO



ARMA DO CRIME



G1

O ex-juiz federal Wilson Witzel, então candidato do PSC ao governo do Rio de Janeiro, e Rodrigo Amorim e Daniel Silveira (candidatos do PSL a deputado estadual e federal, respectivamente) exibiram, destruída, uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco num ato político de campanha em Petrópolis, no dia 3 de outubro.

Os três foram eleitos alguns dias mais tarde, no primeiro turno das eleições estaduais, no dia 07 de outubro.

A eleição de candidatos que construíram sua imagem política tecendo comentários dentro dessas dialéticas evidencia a aceitação desses discursos combativos entre a população brasileira, consumando assim, a morte da imagem pública de Marielle Franco e o descarte das políticas voltadas à assistência dos direitos humanos.

Firmar Marielle Franco como uma “anti-mártir” foi um dos maiores signos utilizados por essas associações na construção do discurso de “superar a esquerda”. O segundo turno das eleições, no dia 28 de outubro, foi escolhido como fechamento do nosso recorte, e também ápice desse discurso.

